

15ª Bienal  
do Livro

# Araquém Alcântara mostra inventário ambiental

*O fotógrafo expõe o resultado de dez anos de viagens pelo país no livro "Terra Brasil", que lança na Bienal*

Araquém Alcântara



Ao lado, catadores de caranguejos do Parque Nacional de Lençóis Maranhenses, em Mandacaru (MA)

ANA MARIA GUARIGLIA  
free-lance para a Folha

O fotógrafo Araquém Alcântara está lançando, na 15ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, a obra "Terra Brasil", que pode ser considerada uma das maiores coleções visuais de ecossistemas nacionais.

Alcântara é o único fotógrafo brasileiro que registrou os 36 parques nacionais. Trabalhou durante dez anos, viajou cerca de 150 mil quilômetros e obteve mais de 100 mil imagens.

Em entrevista à Folha, contou o que viu em suas andanças e denunciou problemas que podem acabar com as reservas brasileiras.

Folha - O que significa ser um dos primeiros fotógrafos brasileiros a registrar os parques nacionais?

Araquém Alcântara - Na verdade, é uma contribuição efetiva para a nossa identidade como povo e nação e para o conhecimento de nossas riquezas naturais.

Folha - O que mais o impressionou nessa jornada?

Alcântara - A extrema penúria em que vivem os brasileiros do sertão, os índios, os ribeirinhos, caboclos, sertanejos, enfim, o verdadeiro povo do Brasil. Os índios makus, em São Gabriel da Cachoeira (AM) bebem álcool puro e cheiram desodorante. Outros morrem de fome e de malária.

Folha - Como o sr. vê os problemas das reservas ecológicas?

Alcântara - A situação é estereotípica. Julgamos que nossos recursos florestais são inesgotáveis, por causa da Amazônia e da mata atlântica. Mas elas estão próximas do fim. A Amazônia está sucumbindo à ganância de grandes empresas agropecuárias, responsáveis pela derrubada de mais de 10 milhões de metros cúbicos de madei-

ra por ano. Na região central do Brasil, o cerrado —um fantástico bioma de 207 milhões de hectares— está sendo grosseiramente apagado do mapa e substituído por monoculturas de soja, sorgo e plantações de eucalipto. Nossos bichos estão desaparecendo. Na Amazônia, 20 mil onças são mortas anualmente.

Folha - E a situação dos parques nacionais?

Alcântara - Eles ocupam a mais alta hierarquia na categoria das unidades de conservação. As áreas transformadas em parques são escolhidas pela beleza, importância ecológica e geográfica e, pelo menos em tese, devem servir como área para lazer e pesquisa científica. Mas isso não funciona porque não há investimentos.

Os parques estão abandonados. Existe a questão das desapropriações. Muitos têm apenas dois guardas e quase nenhuma infraestrutura para a proteção de áreas acima de 500 mil hectares.

Os governos se sucedem e os parques continuam funcionando só no papel, às vezes contando com a dedicação de diretores e guardas do Ibama.

Folha - O sr. acredita que livros de fotografia podem contribuir para a alteração desse quadro?

Alcântara - Acredito que a verdadeira função do artista é seduzir as pessoas e provocar a reflexão. Ao valorizar a beleza das paisagens e a dignidade dos povos do sertão, estou convicto de que vou transformar algumas cabeças. Eu me completo no próprio ato da criação, onde transito entre a dor, o prazer, a loucura e a profecia.

Livro: Terra Brasil  
Autor: Araquém Alcântara  
Lançamento: DBA Melhoramentos (Na Bienal, estande M111 - pavilhão verde)  
Quanto: R\$ 70 (272 págs.)

RESENHA

## Autor registra melancolia do mundo em extinção

EDER CHIODETTO  
Editor-adjunto de Fotografia

"Terra Brasil", o livro, deve ser visto como um relato emocionado da longa expedição realizada por um fotógrafo desbravador, que remonta à determinação e à ansiedade dos antigos bandeirantes.

Determinação em conhecer aquilo que se oculta nos tantos recortes da geografia do país. Ansiedade de exibir esse universo para o mundo, não pelo potencial midiático e exótico que dali se pode extrair, mas pela possibilidade de fazer emergir a imensa diversidade cultural e visual que nos margeia, mas da qual nós, urbanos melan-

cólicos, não temos a menor idéia do que seja.

Nesse sentido, "Terra Brasil", sem ser panfletário e sem correr o risco de ser ingênuo, espelha em suas páginas a burrice cultural que distancia o homem urbano daquilo que viceja, daquilo que pulsa forte fora dos grandes centros.

Ao fotografar a natureza brasileira, Araquém, na verdade, coloca em foco, e em xeque, nossa triste condescendência com o pior da cultura pop que invade nossas televisões, nossos rádios, nossas casas. Por que tamanha diversidade cultural, étnica e ambiental não é capaz de fazer desse lugar um bom país é a pergunta que nos fazemos

ao folhear "Terra Brasil".

Araquém nos fala de árvores como as sumaúmas, dos índios uru-eu-wau-wau, do maracatu, da floresta tropical, da serra do Caparaó, dos catadores de caranguejo e de cachoeiras que deslizam por imensos cânions, como o de Malacara no Parque Nacional da Serra Geral.

O olho certo de Araquém consegue harmonizar no mesmo fotograma, sempre com uma luz personalizada, a beleza plástica desse universo de formas e cores díspares com a acuidade de quem está escrevendo um tratado antropológico com integridade e coerência.

São imagens poéticas que guar-

dam em si uma certa melancolia. A melancolia da saudade de um mundo que está se extinguindo na frente dos nossos olhos. Como as imagens esmaecidas daquele velho e esquecido álbum de fotografia. A função de Araquém é devolver a essas fotografias a cor, a luz e a pulsação perdidas.

Em seu próximo projeto, tão ambicioso como esse que acaba de chegar às livrarias, Araquém pretende fotografar o homem brasileiro.

Quem somos e o que seremos após essa ruptura irreconciliável entre o campo e a cidade? Vamos esperar que ele responda. Até o ano 2000.